

# **“Parentalidade Soberana” em bairros afluentes da América Latina: Raça e as Geopolíticas dos cuidados de crianças em Ipanema (Brasil) e El Condado (Porto Rico)<sup>119</sup>**

**Ana Y. Ramos-Zayas**

Universidade de Yale (EUA)

## **Introdução**

No início da noite de uma quinta-feira de julho de 2014, quando me sentei à mesa ao ar livre do “Mil Frutas” (uma sorveteria boutique em Ipanema) para fazer anotações, notei a presença de uma babá magra e de pele escura, que falava agitada ao telefone celular. Ela estava acompanhando uma elegante mulher branca, de cabelos escuros, com pouco mais de 40 anos, e a filha desta: uma criança de 4 anos, vestindo um tutu cor de rosa. Enquanto a babá resolvia ao telefone o que parecia ser um desentendimento com um parceiro romântico, a mãe, por diversas vezes, fez

---

<sup>119</sup> Tradução de Valéria Araújo

recomendações à babá sobre o que dizer ou pedir à pessoa do outro lado da linha. A mãe, que, eventualmente, se apresentou como Claudia<sup>120</sup>, incitava a babá: "Pede alguma coisa, Leandra. Vai!". A babá dizia que ela não queria nada, mas Claudia insistia, como se falasse com uma amiga que precisasse de incentivo. Em seguida, Claudia virou-se para o manobrista do estacionamento, que estava trabalhando em um café, ao ar livre, vizinho do Mil Frutas: "Vai, pede alguma coisa. Pede um sorvete!". No início, o manobrista, um homem alto, corpulento e de pele escura, vestido com um terno de três peças, recusou educadamente. Claudia continuou insistindo até que ele finalmente cedeu e entrou no Mil Frutas para ver os sabores. "Deixa ele experimentar (os sabores)", Claudia ordenava a uma das funcionárias atrás do balcão que atendesse o manobrista. "Não, não, eu não preciso provar. Estou pronto para pedir alguma coisa", o manobrista insistiu. "Não, não. Experimenta primeiro", e para os trabalhadores da sorveteria: "Dá amostras pra ele. Ele é um cliente".

Em um bairro de San Juan, Porto Rico, a mais de 5.000 quilômetros de Ipanema, Maribel Seijo lamentava: "Aquí no hay Mary Poppins". Uma bem educada mãe porto-riquenha, branca, perto dos 50 anos, Maribel estava tentando agendar uma viagem a Boston para um encontro com ex-colegas da faculdade, mas nem sua mãe nem sua sogra podiam ficar com seus filhos. Com exceção da empregada dominicana, que ocasionalmente fazia o papel de babá, Maribel somente confiava o cuidado dos seus filhos aos membros da família. Segundo explicou, ela temia que os "maus hábitos" e as "limitações educacionais" das babás de Porto Rico – a maioria das quais, ela acrescentava, eram "imigrantes dominicanas com pouca instrução" – “passassem” para seus filhos. "Mary Poppins" seria uma babá ideal, mas (é claro) ela não existe.

---

<sup>120</sup> Todos os nomes utilizados neste artigo são pseudônimos.

A partir de um estudo etnográfico com os pais dos bairros ricos de Ipanema, no Brasil, e El Condado, em Porto Rico, examino como as elites progressistas da América Latina reformulam o entendimento de raça e classe em relação às práticas e aos objetivos da parentalidade. Nos dois bairros da minha pesquisa etnográfica, percebi práticas e ideologias de parentalidade que informavam perspectivas sobre uma gama de questões econômicas, políticas e sociais que Brasil e Porto Rico enfrentavam no período da pesquisa (2012-2016): a desconfiança do governo; os medos relacionados à insegurança; o aumento das pressões para maior vigilância dos locais urbanos considerados "perigosos"; a volta das políticas de austeridade; a estagnação econômica e a dívida fiscal; a corrupção generalizada e a implícita ou a explícita influência da economia imperial dos EUA. Neste artigo, examino as práticas e ideologias parentais quanto à forma como os pais da elite latino-americana viam sua relação com as mulheres imigrantes de pele escura<sup>121</sup>, as quais eles contratavam para cuidar de seus filhos. Em El Condado, essas mulheres eram geralmente imigrantes da vizinha República Dominicana; enquanto em Ipanema, eram migrantes do nordeste brasileiro<sup>122</sup>.

As referências e as relações com as trabalhadoras domésticas, particularmente as babás, frequentemente evidenciavam a autorrepresentação dos pais como "liberais" e "cosmopolitas", enquanto sustentavam o privilégio e a brancura através de uma interação latino-

---

<sup>121</sup> Neste artigo utilizo a nomenclatura de cor usada pelos entrevistados. No entanto, não quero perder de vista como as categorias de cor são claramente racializadas no contexto do Brasil e de Porto Rico. Muitas nordestinas não se veem nem são vistas como “negras” embora sejam, inegavelmente, racializadas e inferiorizadas. Nem sempre “pele escura” define alguém como “negro” no Brasil (e muito menos na República Dominicana ou Porto Rico).

<sup>122</sup> Há alguns excelentes estudos que focam nos trabalhadores domésticos, ou na própria relação entre trabalhadores domésticos e empregadores no Brasil e na América Latina de maneira mais ampla (por exemplo, Gabaglia Preuss, Pinho, Pinho e Silva); no entanto, aqui eu examino os empregadores como o lado materialmente poderoso e dominante dessas dinâmicas complexas de poder e, especificamente, em relação às práticas *parentais*.

americana distinta de parentalidade intensiva, o que eu chamo de "parentalidade soberana". Eu vejo "parentalidade soberana" como uma ética moral dos ricos articulada através de um conjunto de práticas de parentalidade, relações e ideologias que destacam as preocupações com a (in)segurança, a legitimação do policiamento e da vigilância do bairro, o favorecimento de uma linguagem informativa-terapêutica de bem-estar e saúde nas interações diárias – tudo "em nome das crianças". Essa forma de sociabilidade através da parentalidade é o refletor de como em "crises políticas", percebidas ou reais – como essas que ocorriam no Brasil e em Porto Rico, durante meu trabalho de campo (2012- 2016) –, novas relações afetivas e desigualdades sociais são coproduzidas de forma dialética.

Porto Rico e Brasil são países muito diferentes quanto a tamanho geográfico, população, economia, história colonial, influência política e status, presença global (ou ausência) e, até mesmo, quanto à linguagem, o que foi provavelmente responsável pelas reações perplexas sempre que eu descrevia o foco do meu estudo e a escolha do lugar. O Brasil é um país de língua portuguesa, com a quinta maior população mundial e a oitava maior economia; enquanto Porto Rico – uma colônia norte-americana onde o espanhol é a língua principal – carece de presença internacional. No entanto, apesar dessas diferenças significativas, os dois países foram notícia internacional na maior parte do tempo da minha pesquisa, de 2012 a 2017. Particularmente em 2015 e 2016, cada dia no Brasil e em Porto Rico parecia ser mais dramático do que o anterior e as notícias eram uniformemente negativas. Até então, Porto Rico e Brasil compartilhavam imagens globais similares, de grandes destinos turísticos com cultura tropical, praias e corpos bronzeados e sexualizados. Durante a última parte do meu trabalho de campo, mais significativamente, os países compartilhavam um humor nacional similar de confusa ansiedade sobre os respectivos futuros políticos e econômicos – período em que relações familiares e amizades eram frequentemente cortadas devido a discordâncias políticas apaixonadas.

Esses temas, expressados pessoalmente ou através de meios de comunicação social, sendo pró ou anti-Dilma<sup>123</sup>, no Brasil, ou pró ou anti-Anibal<sup>124</sup> em Porto Rico – bem como os projetos de austeridade impostos pelas elites políticas, muitas vezes comprometendo severamente quaisquer avanços dos pobres e da classe trabalhadora – eram temas de conversas nas famílias de elite e se infiltravam nos relacionamentos mais íntimos<sup>125</sup>. Sob a parentalidade soberana, babás e empregadas domésticas eram não apenas indivíduos envolvidos afetivamente e intimamente com os seus empregadores, os filhos dos empregadores e a família; mais que isso: eles eram representantes reais ("stand in") das perspectivas de raça, regionalismo e migração (interna e transcaribenha) que os empregadores queriam transmitir aos seus filhos.

Em lugares como Brasil e Porto Rico, onde sempre houve uma relação problemática com as falas sobre raça entre as elites brancas e até mesmo entre algumas classes populares (Robin Sheriff, 2001) – evidenciada pela tendência dos esforços do processo de construção da nação de enfraquecer, folclorizar ou intelectualizar a raça (Godreau 2015; J. Dávila 2003) – existem estigmas mais recentes associados a "ser (percebido como) racista". Esse era particularmente o caso dos indivíduos que se viam como "progressistas" e que consideravam suas práticas parentais como "evidência" de tal autorrepresentação moral<sup>126</sup>. A parentalidade soberana,

---

<sup>123</sup> Dilma Rousseff, presidenta do Brasil de 2011 a 2016, ano em que sofreu impeachment, durante o segundo mandato.

<sup>124</sup> Aníbal Azevedo, governador de Porto Rico entre 2005 e 2009. Como Porto Rico é um território sem personalidade jurídica dos Estados Unidos, o chefe de estado da ilha é o presidente norte-americano; e o seu efetivo gestor é chamado "governador".

<sup>125</sup> Devido ao limite de espaço, não pretendo elaborar uma análise detalhada sobre as crises políticas e económicas que Porto Rico e Brasil enfrentaram e continuam a enfrentar. Para saber mais sobre o Brasil, veja Glenn Greenwald, Andrew Fishman, and David Miranda noted in *The Intercept* (March 18, 2016): "We are repulsed by this government": Brazil's Wealthy are fleeing the country," Miriam Kreinin Souccar, *Quartz*, April 19, 2016. ("A Coup in Brazil?," Alfredo Saad-Filho, *Jacobim*, 3/23/16. For more on Porto Rico, see: Quiñones-Pérez, Argeo, and Ian J. Seda-Irizarry (2016)

em Ipanema e em El Condado, lança luz sobre como a linguagem e o meio de expressão racista transformavam as descrições e as perspectivas dos pais sobre as relações sociais com os subordinados, particularmente aqueles que interagiam com os seus filhos, enquanto as formas internalizadas e institucionais de racismo perduravam.

As trabalhadoras domésticas do nordeste brasileiro (nordestinas), em Ipanema, e da República Dominicana, em El Condado, pertenciam a uma "cadeia global de cuidados": elas eram mulheres de regiões geopolíticas mais pobres que cuidavam de crianças, idosos e famílias em áreas mais ricas; assim como eram responsáveis pelo sustento dos próprios filhos – que elas deixavam sob os cuidados de parentes, do sexo feminino, em suas regiões de origem (Ehrenreich e Hochschild, 2003). Essas migrantes internas e transnacionais – muitas vezes racializadas marginalizadas e consideradas descartáveis – eram essenciais para as práticas de parentalidade soberana, que conectam a vida familiar e doméstica às tendências culturais e espaciais do bairro e às formas de participação cívica entre as elites liberais<sup>127</sup>. Os pais residentes em Ipanema e de El Condado que conheci frequentemente pensavam no trabalho doméstico como uma

---

<sup>126</sup> Com a recente campanha anti-PT, difundida pela mídia, sabe-se que muita gente assumiu com orgulho uma identidade de direita no Brasil. Há um reconhecimento de que “a direita saiu do armário”. Isso torna ainda mais necessário enfatizar que o artigo enfoca um setor específico da elite que se considera socialmente “progressista” e que destoa, portanto, da elite brasileira de um modo geral, que é predominantemente autoritária e conservadora. Dessa maneira, o artigo contribui para mostrar que há posturas diversas entre os membros das elites, ou ao menos esforços diversos de autorrepresentação (cf. See Shamus Khan’s *Sociology of Elites*).

<sup>127</sup> A maioria das famílias que conheci em Ipanema empregava pelo menos um trabalhador que morava com os empregadores, além de trabalhadores contratados por diária (“diaristas”) que atuavam como motoristas, cozinheiros e pessoal de limpeza suplementar; muitas dessas famílias também contratavam babás para o fim de semana (“folguistas”), para substituir a babá que morava com os empregadores. Em El Condado, apenas três famílias contratavam trabalhadores que moravam com eles, mas cada família contratava algum tipo de trabalhador doméstico numa base diária ou semanal, bem como babás ocasionais. Como, em Ipanema, as tarefas domésticas e de assistência à infância na classe alta e nas famílias de classe média-alta em El Condado também eram realizadas por mulheres de pele escura, migrantes e de baixa renda – com exceção de dois casos: uma trabalhadora colombiana e um peruana, ambas moravam no emprego –, todas as outras trabalhadoras domésticas contratadas em El Condado eram da República Dominicana.

relação particular com um dado trabalhador doméstico, em vez de em termos sociológicos. Como Pinho observou em sua pesquisa em Campinas, SP: "As crianças da classe média e da classe alta esperam ser servidas por empregadas e babás, assim como é esperado que as crianças das trabalhadoras domésticas herdem a posição de classe dos seus pais" (2015: 111). Com nebulosos limites entre trabalho e casa – como era muitas vezes o caso da relação empregador-trabalhador doméstico, resultando grande ambivalência –, as preocupações mais amplas eram enquadradas segundo os parâmetros morais, raciais e de classe. A "parentalidade soberana" enfatiza como os pais, oriundos da elite latino-americana, conseguiram conquistar autonomia e soberania, independentemente da forma como essas sejam dispensadas em escala nacional, ao passo que, para os outros pais, as expectativas "parentais" ("parenting"), na realidade, limitaram significativamente a sua autonomia e os tornou inadequados.

Analiso quatro principais maneiras em que os pais residentes em Ipanema e de El Condado produzem intimidade racializada e diferenciada – com simultâneo vínculo afetivo e desapego sociológico – por meio de um projeto mais amplo da "parentalidade soberana". Primeiro, eu examino como os pais abordam as mudanças das leis que regulam o trabalho doméstico, em Ipanema, e o aumento das expectativas pedagógicas globais, em El Condado; examino especialmente a interseção dos campos legais, pedagógicos e raciais na produção de uma ambiguidade afetiva (Brites 2007; Freyre de 1933; Goldstein 2013; cf. Berg e Ramos-Zayas 2015). Segundo, analiso como os pais produziam uma moral coletiva e ética de cuidado, utilizando conceitos populares da psicologia como pais "hands on", "envolvidos" e "presentes", mesmo quando eles "terceirizavam" arbitrariamente as tarefas relacionadas à criação dos filhos. Terceiro, desconstruo como os pais projetavam a noção de "agência" em "seus" trabalhadores domésticos. Neste caso, eu desenho uma distinção entre os bairros de Ipanema e El Condado e as diferentes culturas de trabalho

doméstico na sociedade brasileira e porto-riquenha. Apresento como os pais residentes em Ipanema precisavam continuamente fornecer provas de que suas relações com as babás eram afetivamente "autênticas", baseadas na "lealdade, não na obediência". Em Porto Rico, os pais enfatizavam a subordinação educacional e linguística das trabalhadoras (Dominicanas) à superior habilidade linguística e o cosmopolitismo porto-riquenho. A ironia dessa assimetria é que o espanhol porto-riquenho é popularmente considerado, entre outras populações latino-americanas, como “espanhol de gueto” (Urciuoli 1991). Finalmente, eu demonstro como, no contexto da "parentalidade soberana" e suas performances públicas em lugares considerados "amigos da criança", como a sorveteria Mil Frutas, os corpos dos pobres trabalhadores de pele escura complementavam os corpos dos ricos empregadores de pele branca nas interações coreografadas que eram por vezes invisíveis e, às vezes, hipervisíveis. Na última parte desse ensaio, assinalo como a "parentalidade soberana" desenvolvida a partir de uma complicada produção de autorrepresentação “progressista” entre as elites de Ipanema e El Condado tornavam determinadas babás representantes reais ("stand ins") dos conceitos de raça, regionalismo e migração (interna e transcaribenha) que os pais desejavam transmitir aos seus filhos.

### **Trabalho Afetivo, Trabalho Legislativo: a cultura do emprego doméstico no Brasil e em Porto Rico**

Silvana Villela Mattos, cofundadora de um grupo de pais de Ipanema, é casada com César Schumer, um judeu brasileiro e renomado advogado corporativo. Vários anos mais velho que Silvana, César já tinha dois filhos adultos, de seu primeiro casamento, quando a conheceu. Embora César estivesse hesitante em ser pai novamente, com quase 60 anos, ele também sabia que Silvana, que tinha pouco mais de 40 anos, sempre se “imaginou mãe”. Silvia explica: “Eu sabia que ele (César) seria um pai super presente”. O elegante e corpulento homem lembrou ainda que ele finalmente cedeu aos



desejos de Silvana, anunciando: “Tudo bem. Então vamos começar a entrevistar babás!”. Mesmo antes do nascimento de seu filho Eduardo, eles já tinham encontrado uma babá para morar com eles e uma folguista (babá que trabalha no fim de semana).

Muitos dos pais que conheci em Ipanema lamentavam as “dificuldades de encontrar empregadas boas e confiáveis”, principalmente babás. Perto do fim do último mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva e início do mandato da presidenta Dilma Rousseff, antes do revés econômico e dos escândalos políticos e empresariais de 2015 (Greenwald, Fishman, and Miranda 2016; Saad-Filho 2016), a escassez de empregadas domésticas ganhara destaque nas mídias brasileiras (Pinho e Silva, 2010). Como resultado do programa de redistribuição de renda do presidente Lula, efetuado em grande parte através do Programa Bolsa Família e Programa Bolsa Escola, quase 30 milhões de brasileiros ascenderam das classes mais baixas às classes média baixa e média (Amorim 2010). Isso significava que, entre outros fatores, durante a segunda década dos anos 2000, os indivíduos anteriormente empregados como trabalhadores domésticos tinham outras opções de emprego. Não obstante, o Brasil continuava sendo o país com o maior número de trabalhadores domésticos do mundo, sendo 6,7 milhões deles do sexo feminino e 504 mil do sexo masculino; 17% do total de trabalhadoras do Brasil eram “domésticas”, em 2010 (Organização Internacional do Trabalho, 2010)<sup>128</sup>.

---

<sup>128</sup> De fato, com a contração econômica observada nos últimos anos, os trabalhadores domésticos se tornaram um símbolo de mudança nas taxas de emprego; em apenas um ano, o número de pessoas desempregadas no Brasil aumentou 6,4 a 9,1 milhões. De 2007 a 2015, a porcentagem de pessoas que trabalhavam em empregos domésticos caiu de 8 por cento para menos de 6 por cento da força de trabalho do Brasil. Depois de 2015, mais mulheres perderam os seus empregos na indústria e no comércio e voltaram, em alguns casos, para antigos empregos, no trabalho doméstico. Como resultado, ocorreu um crescimento no número de trabalhadores domésticos contratados por meio do mercado informal, os quais recebem salários mais baixos do que os previstos pela legislação trabalhista. Ver Daniel Gallas’ “Maid in Brazil: Economy troubles push women back into old jobs.” BBC South America, 3 March 2016.

Com a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), uma considerável vitória dos direitos trabalhistas para os trabalhadores de baixa renda, foi adotada no Brasil, em 1943, os trabalhadores domésticos foram excluídos de sua cobertura, porque considerava-se que as empregadas domésticas executavam um trabalho “não produtivo” (Bernardino-Costa et al 2011; Pinho 2015). Como Pinho observa: "Ao excluir os trabalhadores domésticos do direito a benefícios, os legisladores brasileiros mantiveram o *status quo* de milhões de mulheres pobres (e principalmente negras), contribuindo assim para naturalizar ainda mais a sua posição de ‘menos que’ trabalhadoras" (2015: 107). Isso se manteve por setenta anos, até que, em novembro de 2013, a então presidenta Dilma Rousseff estendeu os benefícios legais da CLT aos trabalhadores domésticos, que – na época – incluía faxineiros, babás, cozinheiras, jardineiros, motoristas e os prestadores de cuidados a idosos, para citar alguns<sup>129</sup>. Assim como outros países, César assinalou: "Eu concordo que alguma regulamentação seja necessária, porque não podemos viver em uma sociedade escravocrata. É daí que o trabalho doméstico vem, das amas de leite, das mucamas. A situação das pessoas servindo a classe mais favorecida. Não há nenhum país desenvolvido onde todos, mesmo as classes médias, tenham uma empregada". Em 1872, dezesseis anos antes da oficial abolição da escravatura no Brasil, a linha entre escravo e trabalhador assalariado estava começando a se diluir; era comum o aluguel de escravos de casa para aqueles que já não podiam manter seus próprios escravos.

Quando perguntei a Silvana e César sobre a nova lei que regulamentava os direitos dos trabalhadores domésticos, César explicou que agora seria mais "caro e complicado" contratar uma babá para morar no emprego e que as pessoas estariam mais inclinadas a contratar "diaristas" e

---

<sup>129</sup> Os aspectos práticos e jurídicos da revisão das leis trabalhistas podem ser encontrados em: <http://www.ipc-undp.org/pub/IPCWorkingPaper96.pdf> or [http://latitude.blogs.nytimes.com/2013/05/10/a-new-law-in-brazil-advancing-the-rights-of-domestic-workers-should-be-encouraged/?\\_r=0](http://latitude.blogs.nytimes.com/2013/05/10/a-new-law-in-brazil-advancing-the-rights-of-domestic-workers-should-be-encouraged/?_r=0).

talvez "mensalistas" (as que trabalham todos os dias, mas chegam de manhã e vão embora à noite), ou até mesmo a matricular seus filhos em creches. César destacou: "Quando o emprego formal é regulado, isso pode diminuir ou aumentar os benefícios. Há benefícios informais que vêm de um relacionamento em longo prazo entre empregador e empregado". No Brasil, a endêmica desigualdade de poder do trabalho doméstico tem sido historicamente baseada na negociação de pagamentos não-monetários. Durante meu trabalho de campo, as relações entre os trabalhadores domésticos e os empregadores ainda eram caracterizadas pela troca de serviços não previstos nos contratos de trabalho; por exigências de cumplicidade (e até mesmo a disponibilidade afetiva entre trabalhadores e empregadores) e por variados investimentos emocionais entre a trabalhadora e as crianças por ela cuidadas. A relação entre o empregador de classe alta e a trabalhadora cuidadora das crianças – referida como "la señora que cuida (o limpia)", em El Condado, e "babá" em Ipanema – ajuda-nos a entender uma forma de "afeto racializado" (Berg e Ramos-Zayas, 2015) que caracterizava as interações íntimas sob hierárquicos arranjos sociais e raciais. Essas interações não eram necessariamente "não autênticas", mas a sua autenticidade era profundamente condicionada por outros variáveis contextos momentâneos e pelo racismo invisibilizado do dia a dia. Entre a elite latino-americana branca, ser afetivamente autêntico não era o oposto de ser "refinado", como algumas literaturas consideravam ser o caso das classes trabalhadoras. Ao contrário: ser afetivamente autêntico – e almejar a manifestação social do ser "interior" – era uma forma revolucionária de mudar os padrões de avaliação da diferença de classe e racial em benefício da supremacia branca.

Se as "atitudes progressistas" são associadas com a classe média (e até mesmo classe alta), então as classes trabalhadoras e pobres são entendidas como "retrógradas". Do ponto de vista dos pais de elite, tanto de Ipanema quanto de El Condado, as "atitudes retrógradas" das trabalhadoras

domésticas não eram explicadas em termos estruturais, mas enquanto "visões de mundo" ou cosmologias das classes mais baixas: como elas promoviam "maus hábitos alimentares" e "má higiene" em seus filhos ou como seus filhos "assistiam a TV demais", ou como elas "abandonavam seus próprios filhos para serem criados por outros". Classe e raça raramente eram explicitamente invocadas em tais expressões de repugnância; em vez disso, as características repugnantes eram apresentadas como o resultado de uma patologia individual e familiar. As formas contemporâneas de consciência pouco contribuíam para transformar essas perspectivas.

Por exemplo: Bruna Alves Teixeira, uma mãe de Ipanema, que foi uma das mais sinceras sobre seu conflito entre o amor, a confiança e a conexão que sentia por uma determinada babá nordestina. Por um lado, a babá, negra, às vezes cuidava de seu filho; por outro, Bruna sentia repulsa contra os corpos negros que ela experienciou no dia em que foi levada para um hospital público para o nascimento de seu filho. Ela me disse (em referência a um grupo de pessoas que estava na sala de espera da maternidade, naquela ocasião):

"Eu acho que eles eram parentes de alguma paciente. Mas eles estavam num budum, cheiro horrível, forte, um cê-cê, uma coisa absurda. E grávida sente. Nós temos esse poder. Eu virei pro meu marido. 'Renato, eu não quero ter o meu filho aqui'. No momento eu não sabia a razão, o odor, o barulho... Hoje eu sei que o que eu queria era um mundo bonito, agradável e cheiroso pro meu filho".

A raça, sob "parentalidade soberana", tanto em Ipanema quanto em El Condado, era frequentemente sentida visceralmente e expressada espontaneamente como repugnância; repugnância em relação aos corpos, às maneiras, às roupas, aos relacionamentos, aos locais de residência, aos acentos linguísticos e à dicção e, acima de tudo, em relação à forma como os pobres criavam seus filhos. Desse modo, "repugnância é um indicador

imensamente poderoso da interface entre o pessoal e o social" (Lawler 2005:438)<sup>130</sup>.

Assim como muitos outros pais de El Condado – e comparável à experiência de Bruna no hospital público no Brasil – Alejandra Rodríguez Emma, uma mãe-psicóloga-clínica-que-virou-dona-de-casa, uma vez comentou que ela havia colocado um anúncio na internet procurando uma babá e "a que veio aqui era um desastre!" ("lo que vino aquí fue un desastre!"). Além da objetificação dos potenciais empregados (conforme indicado no pronome indireto "lo"), a reação de Alejandra enquanto falava era o que se poderia esperar de algo que causava náuseas. Repugnância depende da proximidade (Skeggs 2004); quando os limites espaciais ou legais entre os grupos raciais ou sociais são desafiados, a hierarquia social encontra outras formas de expressão, inclusive o "odor". No mundo da parentalidade da elite, onde existem poucos espaços de interação interfaciais e de classes, a trabalhadora cuidadora das crianças torna-se o indivíduo mais próximo, mais imediato a quem esses sentimentos extremamente viscerais são projetados. Isso era o endosso moralmente sancionado (e moralista) da brancura através de parentalidade.

A cultura do trabalho doméstico é onipresente no Brasil e na maioria dos países latino-americanos, o que difere, de alguma maneira, de Porto Rico, onde trabalhadores de tempo integral e trabalhadores que moram na casa do empregador são bastante raros – mesmo entre os pais da classe alta de El Condado. No período do meu trabalho de campo, Porto Rico seguia as

---

<sup>130</sup> Em "Disgusted subjects: the making of middle-class identities" (2005), Stephanie Lawler mostra como expressões de desgosto entre a classe média são de fato percepções de violação do "gosto", no sentido bourdieusiano. Como mostra Lawler, "desgosto" é uma emoção pouco explorada; enquanto as classificadas dimensões de "gosto" têm sido amplamente debatidas, pouca atenção tem sido dada para o desgosto que é despertado quando o "bom" gosto parece ser violado. Emoção/sentimento tão pessoal, tão visceral, desgosto, no entanto, invoca sentimentos coletivos inerentes à relação entre o nojo e o objeto da repulsa.

leis de salário mínimo dos Estados Unidos; os trabalhadores domésticos, pelo menos aqueles que tinham autorizações de trabalho e eram documentados, tinham direito a salário mínimo por hora, em dólares norte-americanos, e pagavam segurança social e impostos. Enquanto, no Brasil, muitas famílias de classe média podiam, em geral, arcar com os custos da contratação de trabalhadores domésticos de tempo integral e babás que moravam na casa dos empregadores; em Porto Rico, somente as famílias mais ricas podiam fazer o mesmo. Das famílias que entrevistei, apenas cerca de um terço contratava pelo menos uma funcionária de tempo integral (o equivalente a "mensalistas" brasileiros) e apenas três dessas famílias contratavam trabalhadoras que moravam na casa dos empregadores. Em Porto Rico, era mais comum ter uma faxineira duas vezes por semana ("señora que limpia"), quando as crianças eram maiores, e uma trabalhadora que realizava tarefas de limpezas diárias e prestava serviço de *babysitting*, quando as crianças eram menores. A maioria das famílias de El Condado combinava um desses arranjos com a ajuda dos avós. Em Ipanema, o trabalho doméstico era um trabalho de gênero associado com a mais pobre (e mais escura) região do nordeste do Brasil; em El Condado, o trabalho doméstico era parte de uma cadeia transnacional de trabalhadores cuidadores imigrantes que conectava Porto Rico à República Dominicana, ou mesmo emigrantes dos Estados Unidos de procedência Dominicana (Duany 2005).

Algumas características fundamentais das relações de empregador-trabalhador doméstico foram registradas em estudos que examinam a narrativa "Como se fosse da família", comuns entre as elites latino-americanas. Uma das conclusões aceitas é de que essas relações são (e sempre permanecerão) inerentemente assimétricas, não obstante a forma emotiva ou as histórias pessoais envolvidas. Enquanto os trabalhadores domésticos são destinatários frequentes da disciplina burguesa e agentes poluentes da família burguesa higienizada (Freire Costa, 1983; Pinho 2015),

eles também são parte de um raro "convívio" entre indivíduos de diferentes raças e classes sociais. Para os pais de Ipanema e de El Condado, cujas vidas se desenvolvem em espaços radicalmente segregados, os trabalhadores domésticos - em sua maioria negros, pobres e migrantes -, ofereciam um dos poucos contextos de envolvimento com a diferença social, de maneira contínua, diária e íntima. Enquanto o poder e as bases estruturais em que esses relacionamentos se desenvolviam eram profundamente e incontestavelmente desiguais, essa desigualdade era, talvez, "única" na medida em que sustentava (e era sustentada por) o mundo das aspirações individuais e políticas ou o autoconceito cosmopolita e o autoconhecimento emocional filtrado através das ideologias, práticas e metas de socialização da parentalidade. A "Parentalidade soberana" remodelava o relacionamento com os cuidadores das crianças e os trabalhadores domésticos, como um projeto de autoconceito racial e autorrepresentação moral necessário à reprodução bem sucedida da brancura (progressista) entre a elite latino-americana. Como a maioria das pesquisas sobre babás tem observado, mesmo quando as crianças passam a maior parte do seu tempo com as trabalhadoras, elas (crianças) continuam internalizando a lógica hierárquica social de seus pais (Brites 2007; Silveira 2015). Os pais (especialmente as mães), que muitas vezes eram emocionalmente próximos das cuidadoras de crianças, ao mesmo tempo garantiam que seus filhos internalizassem a hierarquia de classe e de raça endêmica do relacionamento.

Uma parte importante da parentalidade soberana entre os pais de classe alta e da elite na "progressista" Ipanema e El Condado é que estes pais queriam que seus filhos se tornassem "compassivos", "atenciosos" e indivíduos "empáticos". Nem os pais porto-riquenhos nem os pais brasileiros que conheci queriam que seus filhos "mandassem (nas empregadas domésticas)" ou "agissem como crianças ricas e mimadas". Enquanto isso talvez tenha sido (e continue sendo) aceitável para as elites tradicionais ou conservadoras da América Latina, ou do Sul Global, de um

modo mais geral, este não era o caso dos pais de Ipanema e de El Condado, que consideravam até mesmo sua escolha de bairro, escolas e amizades como prova de sua visão social progressista. Uma pergunta recorrente nesse artigo, portanto, é: como o afeto positivo, a genuína ligação emocional e íntima que alguns pais descreveram em relação aos "seus" cuidadores de crianças e trabalhadoras domésticas podiam coexistir com (e mesmo reforçar) a profunda e duradoura desigualdade racial e de classe, a branquura e o privilégio? Durante meu trabalho de campo, os debates em torno dos limites da "terceirização" das responsabilidades dos pais abordavam essa questão.

### **Parentalidade Terceirizada e a ética de “pais presentes” [“Hands On”]**

Laura Gómez Ayala, advogada e contadora pública certificada por formação, reduziu gradualmente suas horas de trabalho quando seu primeiro filho nasceu e deixou completamente o emprego após o segundo. Laura havia se tornado uma reconhecida "mãe blogger" em El Condado e colaboradora frequente de um site popular sobre parentalidade. Laura usava um vestido estilo boêmio e, embora não fosse completamente uma caricatura da "criação com apego" (“attachment parenting”) que a mídia passou a estereotipar, ela ainda tinha alguns elementos do dogmatismo da parentalidade intensiva, como: fraldas de pano, amamentação prolongada, comida de bebê caseira e uma predileção ao coleito.

Como muitos dos outros pais de El Condado, Laura elogiava as vantagens de viver em El Condado: um bairro pedestre, que compartilhava muitas semelhanças físicas, econômicas e culturais com Ipanema: cercado por uma grande lagoa de um lado e o Oceano Atlântico do outro; tinha uma indústria turística ativa e mansões tradicionais que tinham dado lugar a luxuosos arranha-céus. Laura, por várias vezes, comentou o que os outros pais também apontaram mediante a narrativa de bairro e "bem-estar": "Aqui



seus filhos estão expostos ao ar fresco, não a uma selva de pedra ou aos subúrbios distantes. Você pode estimular seus filhos a um estilo de vida ativo, como a prática de esportes na lagoa, canoagem, ir à praia. Não é somente jogar vídeo game e ficar preso na frente de uma TV". Apenas um aspecto de El Condado perturbava profundamente Laura: as babás. Como ela explicou:

Infelizmente, muitas crianças aqui são criadas por babás. Eu sei que não há uma fórmula perfeita para todas as famílias, mas que tipo de valores terão as crianças criadas por babás? A babá pode muito bem ter bons valores, com certeza. Mas como é que uma criança se sente quando ela percebe que a pessoa que empurra ela nos balanços não é sua mãe ou pai, mas alguém que não é da sua família? Às vezes, eu tenho vontade de chorar".

A declaração de Laura destacava-se não pela sua posição sobre as "crianças criadas por babás", que ouvi com frequência tanto em El Condado e, especialmente, em Ipanema; pelo contrário: era o fato de que Laura era um dos poucos pais em El Condado que contratava não somente uma trabalhadora doméstica de tempo integral – que era encarregada de cozinhar, limpar e cuidar das crianças –, mas, mais significativamente, era a que tinha uma trabalhadora doméstica uniformizada. Enquanto o fato de trabalhadores domésticos usando "uniformes" tenha sido fonte de debate popular durante meu trabalho de campo em Ipanema (Barba, 2016), raramente ouvi qualquer referência a babás uniformizadas em Porto Rico. Ironicamente, justamente quando Laura discursava sobre "valores" e "crianças sendo criadas por babás", Tula tinha levado o filho mais novo de Laura para outra parte do apartamento, para que não fossemos interrompidas pela criança. Após conhecer melhor Laura e seu marido, Javier Piovanetti, descobri que Tula, uma mulher dominicana de pele escura com pouco mais de 50 anos, tinha sido a primeira empregada de Javier, por mais de uma década, e agora também era responsável pelo cuidado dos seus filhos.

Em uma de minhas visitas, enquanto Laura moía grãos de café "artesanal", cultivados localmente na Hacienda San Pedro (uma loja de

especialidades de um bairro vizinho) e vaporizava o leite para fazer um café com arte de espuma, aventurei-me a levantar a questão sobre sua posição a respeito das "babás" e sua dependência diária em Tula. A resposta dela foi consistente com a ética parental da elite de pais super presentes “hands on” (termo em inglês, frequentemente utilizado em El Condado), uma postura moralista que ouvi em Porto Rico e no Brasil sobre os "limites" e as “atribuições” da parentalidade. Segundo essa ética de parentalidade, a elite de Ipanema e de El Condado determinava – frequentemente, de forma arbitrária – quais tarefas poderiam ser legitimamente "terceirizadas" pela babá versus as que requeriam o envolvimento parental ["hands on"], ou seja, as que não poderiam ser delegadas. Laura disse com convicção: "Tula sabe quando me ajudar e quando me deixar cuidar dos meus próprios filhos. Claro que, com dois filhos e um marido que viaja bastante, eu preciso de ajuda. Mas eu me asseguro de ser a pessoa que alimenta eles, que banha eles, que leva eles ao parque. Eles sabem muito bem quem são seus pais".

Esta perspectiva ressoava com as expectativas de César e Silvana sobre a contratação de uma babá e sua preocupação com o que no Brasil era referido como "terceirização" ("outsourcing"), um termo popular da psicologia usado em referência ao deslocamento da parentalidade ou ao cuidado das crianças pelas babás (Sgarioni, 2014). Silvana mencionou que ela e César asseguraram-se de que a babá que eles contratariam não fosse uma enfermeira, porque "Nós não queríamos ninguém mandando na gente...‘tem que lavar a mão! Tem que botar álcool! Tire os sapatos!’" Por fim, eles escolheram uma babá que "faria o que eles queriam que ela fizesse, não o que ela queria fazer"<sup>131</sup>. Como eu conhecia Silvana bem o suficiente

---

<sup>131</sup> Em 1930, Cassilda Martins escreveu um artigo que se opunha à ideia de enviar mulheres jovens de classe baixa a cursos especiais de economia doméstica a fim de que fossem treinadas para o serviço doméstico ("A crise do lar", *Schola* 1: 5, June 1930: 147-54). O

para saber que ela se considerava politicamente "progressista", atenciosa e bastante diplomática, eu fiquei um pouco surpresa com a contundência de seu tom. Perguntei sobre suas expectativas e preocupações e ela explicou:

(A babá que morava com eles) ficou com a gente até o Eduardo completar dez anos. Então, o Eduardo estava ficando com vergonha de andar com a babá. Ela tem um monte de fotos dele. (Falava) "Esse é meu filho". Aí eu ficava louca quando chamava de meu filho. Eu falava: "Não, o filho é meu. O meu filho é meu!! Entendeu?" Mas dá um ciúme, né? Eu já passei por essa fase e tudo... Em algum momento, eu consegui reformular. "Eu vou permitir que meu filho ame outra pessoa. Um dia vai até casar com outra, né?" A gente já tem que começar a desapegar, porque, às vezes, têm algumas mães que chegam e a criança não quer a mãe, quer a baba pra dormir... Isso nunca aconteceu comigo, eu ia ter um troço, né? Ia ter que me cuidar muito, fazer muita análise pra resolver isso!

Embora as preocupações de Laura não tenham sido tão psicologicamente complexas como as articuladas por Silvana, elas ainda compartilhavam uma ansiedade comum sobre um poder emocional projetado sobre as babás; e como as babás poderiam presumivelmente "cooptar" o amor materno por assumir cuidados específicos. Os pais da elite, e especialmente as mães, decidiam quais tarefas parentais eram mais cruciais para a "boa parentalidade" e quais eram menos, dependendo de seus próprios horários, preferências e temperamentos. Mais importante: eles não só delegavam essas tarefas "menores" para as babás, mas, na verdade, também transformavam essas tarefas em critérios de avaliação das competências parentais das babás com relação aos próprios filhos. De modo mais geral, essa ética dos pais da elite destacava as "deficiências" parentais dos outros, frequentemente das mulheres pobres da classe trabalhadora. No caso de Laura, ela prontamente atribuía qualquer obstáculo de vida enfrentado pelos filhos de Tula, adultos de pele escura e da classe operária, como "limitações" da própria Tula – a falta de presença "hands on" como

---

perigo, de acordo com Martins, era que os empregados bem treinados poderiam "sobrecarregar" seus patrões com "superioridade técnica e profissional e demandas de aumento salariais". Se as empregadas, em vez de donas de casa, se tornassem especialistas na arte dos afazeres domésticos, as donas de casa não seriam responsáveis pelas [suas] casas "(em Owensby 1999: 108).

mãe. Controlar a dinâmica emocional entre as babás e seus encarregados era parte da ética da elite de ser (seletivamente) presente; essas formas de controle sociopsicológicas estavam intrincadas à forma como as preocupações com soberania e parentalidade intensiva eram mantidas.

A maioria dos pais em El Condado assumia que "la señora que limpia" (a senhora que limpa) exercia ocasionalmente a função de babá. Prefaciando o seu comentário com "talvez isso soe esnobe, mas..." Maribel, a mulher que lamentava a falta de uma "Mary Poppins" e o fato de, "em Porto Rico, a coisa de babá não ser bem organizada". Quando eu perguntei o que ela queria dizer com aquilo, ela explicou: "As únicas pessoas disponíveis para cuidar das crianças são as mesmas (baixando a voz, para que a senhora da limpeza não ouvisse) senhoras dominicanas que limpam as casas. Às vezes, elas estão aqui ilegalmente, têm uma educação de quarta série, sabe? (...) eu não posso deixar os meus filhos falarem 'disque' ou 'estábanos'". Entre a elite de El Condado, "dominicana" era quase sinônimo de trabalhador doméstico, cuidador de idosos e babá. No entanto, muitos pais mencionaram que, se eles pudessem escolher, eles preferiam ter uma babá que não fosse dominicana. Colombiana e peruana foram mencionadas como nacionalidades preferidas, porque essas outras mulheres migrantes tinham, presumivelmente, "níveis educacionais mais elevados", "um sotaque melhor", "falavam melhor – o espanhol", eram "mais respeitadas", ou "tinham boas maneiras". No Brasil, por outro lado, os pais afirmaram preferir babás que fossem do nordeste, em vez de babás nascidas no Rio. Esses pais alegaram que as nordestinas eram "mais calmas", tinham "menos conexões com as comunidades pobres da região", eram "menos amarradas por problemas familiares" e "não falavam como carioca de comunidade" ou o "português da favela". Os pais avaliavam as "disposições" culturais das babás em termos raciais e de classe (e até regionais) de forma tal que tentavam construir uma cosmologia dos pobres, uma visão ideológica do mundo das populações "marginais" que transcendia a questão das

habilidades requeridas para o cuidado de crianças. Essa cosmologia era usada pelos pais para justificar seu interesse no uso de vigilância, tanto policial quanto tecnológica (uso de câmeras escondidas nas casas, monitoramento pela internet, etc.). Alejandra Rodríguez Emma, Maru Ramírez de Arellano e Laura Gómez Ayala, três mães porto-riquenhas, se conheciam da escola privada de seus filhos e da liga de vôlei de pais. Em três conversas separadas com as mesmas, notei como uma estigmatizada dominicalidade era filtrada através de uma linguagem que fazia alusão às exigências da parentalidade soberana. A percebida "corrupção" linguística representada pelas dominicanas no já estigmatizado "espanhol porto-riquenho" destacava o seguinte:

**Alejandra (psicóloga clínica; dona de casa):** As pessoas realmente preferem babás que não sejam dominicanas (AY: por que isso?) Por causa do espanhol, da má pronúncia das palavras, da dicção. A maneira como elas falam e também porque elas são mal educadas (mal acostumbradas). Infelizmente, essas mulheres não têm educação; e se fosse somente para a limpeza, tudo bem, mas para cuidar das crianças?"

**Laura (instrutora de Yoga, blogger):** "Um amigo, cujo filho é aluno do Saint John's (uma escola particular onde o Inglês é a principal língua de instrução) me disse que agora mesmo as crianças falantes nativas do espanhol estão falando mais Inglês, porque elas associam o idioma espanhol com sendo dominicano."

Embora as dominicanas, em El Condado, e as nordestinas, em Ipanema, compartilhassem a posição comum de "outro racializado" ou "etno-racial", havia questões críticas que rompiam com essa implícita comparação de dominicana/porto-riquenho de Porto Rico versus zona sul/nordeste do Brasil. Em El Condado, as perspectivas sobre o trabalho doméstico eram imbuídas de um marcante nativismo anti-dominicano e nacionalismo cultural porto-riquenho, em que frequentes comentários provocadores sobre o status inferior do "espanhol porto-riquenho", em uma hierarquia mais ampla da língua na América Latina (Urciuoli 1991), exigiam da elite porto-riquenha uma quase "compensação" com um

espanhol muito cuidadosamente articulado, como forma de contestar o estereótipo global. Em Ipanema, os pais preferiam as babás nordestinas às babás cariocas, porque aquelas eram vistas como mais "dóceis", mais educadas e menos envolvidas na "cultura de favela" do Rio. Em El Condado, os pais porto-riquenhos, muitas vezes, acreditavam que a homogeneizada "comunidade Dominicana" – da qual as babás e as empregadas domésticas faziam parte – comprometiam os objetivos pedagógicos e de socialização que eles almejavam para os seus filhos, bem como a integridade nacional do "seu" país (branco, elite) e idioma.

Apenas dois pais porto-riquenhos usaram a narrativa "como se fosse da família" para descrever sua relação com as babás dominicanas, uma frase que praticamente todos os pais de Ipanema utilizaram em algum momento; em ambos os casos, eram mães porto-riquenhas divorciadas e a trabalhadora dominicana tinha efetivamente se tornado um substituto para o pai ausente, bem como uma terapeuta pessoal e confidente da família pós-divórcio. No Brasil, a narrativa "como se fosse da família" era muito comum, apesar de ter sido usada em referência a trabalhadoras domésticas específicas ou babás, com base no período de tempo que esta servia a família ou o nível de intensidade da relação entre a empregada doméstica e os empregadores (por exemplo, as que moram na casa dos patrões versus as mensalistas). Enquanto, em Ipanema, os pais de elite abordaram raça e classe mediante a afirmação de uma "autenticidade afetiva" entre eles e seus empregados domésticos ou babás, os pais de El Condado se viam como fundamentais para a afirmação de uma competência linguística – e superioridade vis-à-vis do espanhol dominicano – destinadas a contrariar as perspectivas mais globais sobre os estereótipos, de longa data, acerca da "cultura de pobreza" porto-riquenha no contexto colonial dos Estados Unidos, e muitas vezes implantados vis-à-vis do assim chamado "mau espanhol" dos porto-riquenhos. (Lewis 1969/1982 ; cf. Urciuoli 1991).

Em El Condado, os imigrantes dominicanos representavam um "aprendizado" de como os pais da elite desenvolviam projetos a fim de ensinar aos seus filhos respeito, compaixão e gratidão; os pais desejavam que seus filhos não se relacionassem tanto com a empregada doméstica enquanto indivíduos, mas que as vissem em termos mais globais, como símbolos de países, "como a República Dominicana", e comunidades "menos privilegiadas." A elite porto-riquenha empenhava-se em visualizar Porto Rico como um país mais cosmopolita e moderno, comparado com a República Dominicana, um país que eles consideravam mais pobre e atrasado. Curiosamente, as conversas sobre os "menos privilegiados" e os aspectos "anti-modernos" atribuídos à República Dominicana (e ao nordeste brasileiro), aconteciam sem a necessidade da presença física da babá, ou quando a babá era invisível como pessoa. Os momentos pedagógicos associados com parentalidade soberana, incluindo como os pais falavam com seus filhos sobre a "pobreza" e o privilégio, eram muito comuns entre os pais de Ipanema e de El Condado, mesmo quando a materialidade do corpo da babá – e a sua humanidade – permanecia incompleta e a sua existência como pessoa ("personhood") era negada.

### **"Como se fosse da família" ou "La criada malcriada"<sup>132</sup>: Uma produção da elite sobre a agência dos subalternos**

Como muitos moradores de Ipanema comentaram durante o meu trabalho de campo, as relações em Ipanema eram construídas na "informalidade", uma certa troca ocasional de cordialidades, de "planos" de encontros evasivos, uma maneira um tanto superficial de estar no mundo da

---

<sup>132</sup> Traduzido literalmente como "a empregada mal-educada", "La Criada malcriada" é o título de uma comédia popular de TV, com produção inicial na década de 1960, que foi transmitida em Porto Rico por quase duas décadas. A renomada atriz Velda González interpretava "Azucena", uma empregada mal-humorada que não tinha educação formal e boas maneiras, mas era "esperta" e acabava fazendo tudo a sua maneira. A personagem é considerada por muitos como um ícone da TV porto-riquenha e da cultura popular.

vizinhança. Alguns pais de Ipanema destacaram alguns aspectos positivos dessa "informalidade": o fato das pessoas serem "tranquilas", "casuais" e "descontraídas", "o foco está no conforto, não na pretensão," e "as pessoas sequer sabem o sobrenome umas das outras". No entanto, alguns pais menos estabelecidos culpavam essa cultivada informalidade pela inabilidade de construir relacionamentos baseados nos bairros, que não fossem circunscritos a um particular e, muitas vezes, "superficial", compartimento da vida (por exemplo, amigos de praia, amigos pais da escola, amigos da academia de ginástica, amigos do trabalho). Muitos concordavam que faltava "profundidade" e "compromisso" nesses relacionamentos. De fato, os discursos da parentalidade soberana em Ipanema frequentemente acusavam essa cultivada informalidade por outro aspecto "disfuncional" da burocracia do governo local e federal: o clientelismo, que eles associavam à sociedade brasileira; e a incapacidade do país de se tornar plenamente um poder político na escala global.

Na vinheta do Mil Frutas, citado na introdução deste artigo, a autorrepresentação pública de Cláudia foi emblemática nessa cultivada informalidade, particularmente na relação com Leandra e o manobrista do estacionamento. Em primeiro lugar, meio de brincadeira, Cláudia comentou que ela era uma boa "patroa", uma palavra que ela efetivamente utilizou no intercâmbio com os funcionários do Mil Frutas. Ela estava não somente convidando, mas até mesmo persuadindo Leandra (e mais tarde o manobrista do estacionamento) a participar da experiência na sorveteria com ela e com sua filha e, ainda mais importante, ela estava publicamente dando conselhos amorosos a Leandra. Descobri mais tarde que Cláudia era divorciada e Leandra tinha se tornado sua "confidente" no mundo dos encontros e relacionamentos amorosos. Isso acontecia não porque Cláudia ou Leandra não tivessem amigos de sua condição social; na verdade, ambas as mulheres eram membros benquistos de suas respectivas comunidades socioeconômicas. Enquanto elas viam esses outros amigos em termos de



concorrência e performance, nenhuma delas tinha que "competir" com a outra ou "agir" com gentilezas uma com a outra. Para Cláudia, a relação com Leandra oferecia um "sair" momentaneamente das rígidas convenções sociais, que eram em si um reflexo de seu sustentado privilégio racial e social. Em seu relacionamento com Leandra, Cláudia realmente podia ir além da "superficialidade", que a maioria dos meus entrevistados de Ipanema atribuíam às relações sociais no bairro.

Cláudia tinha o poder de orquestrar como o privilégio seria exibido e promulgado no espaço da sorveteria, incitando alguns a tomar um sorvete (Leandra), outros a provar vários sabores (manobrista do estacionamento) e ainda outros (os funcionários da sorveteria) a tratarem as pessoas como "clientes". A distinção entre ser e não ser um cliente era indicativo das múltiplas performatividade de classe e reconhecimentos afetivos. Em circunstâncias normais (isto é, se o homem não tivesse sido convidado a se aproximar do balcão da sorveteria por esta mulher branca e obviamente rica), o status do trabalhador de pele escura como um cliente poderia ter sido questionado. Ao contrário, o manobrista do estacionamento foi promovido não apenas a um tipo de cliente que tinha que simplesmente pedir um sabor para mostrar que estava empenhado em comprar o sorvete; ele tinha de fato se tornado um "daqueles clientes" que podiam dispor de seu tempo (e do tempo dos funcionários da sorveteria) para degustação de muitos sabores antes de decidir sobre um (muito caro) deleite. Implementando essa "informalidade cultivada" ipanemense, Cláudia e outros moradores do bairro de elite dirigiam-se aos subordinados e prestadores de serviços como fazem com seus próprios "amigos". Dominar essa "informalidade cultivada" era um sinal claro da facilidade do branco de classe alta, o que não impedia estes pais de se deslocarem do modo da informalidade e dar ordens firmes quando necessário. Nenhum dos pais que haviam crescido em famílias de classe alta e classe média de Ipanema, como era o caso de Cláudia, expressava qualquer ambivalência sobre dar ordens e fazer pedidos, às vezes com firmeza, às suas empregadas ou babás, mesmo

que cultivassem uma certa informalidade com as mesmas; na verdade, eles viam isso como o que era esperado de pais presentes (“hands-on”).

Na cena social no Mil Frutas, Claudia também estava socializando sua filha com uma característica particular da elite branca privilegiada: a capacidade de falar com aqueles que estão acima e, principalmente, com os que estão abaixo, de modo que a posição na hierarquia social nunca fosse realmente questionada; e de estabelecer um dominante senso de facilidade social em diferentes contextos. No caso de Cláudia, a intenção crítica em sua informalidade era que Leandra desenvolvesse e expressasse um envolvimento emocional genuíno por ela e por sua filha. Os trabalhadores, por sua vez, precisavam avaliar, intuitivamente, quando expor ou não as suas intimidades e emoções, saber quando ser discretos sobre desejos, aspirações e expectativas pessoais e, simultaneamente, estar conscientes das necessidades pessoais e emocionais de seus empregadores.

Os pais de Ipanema, que valorizavam muito a sua autorrepresentação como progressistas, não esperavam ou até mesmo não gostavam da "obediência incondicional" de suas empregadas ou babás; em vez disso, eles tinham como objetivo cultivar a "lealdade incondicional", a “confiança” e a "gratidão" como condições essenciais das relações de trabalho. Talvez, ao contrário das gerações anteriores, os pais de Ipanema que entrevistei, mesmo aqueles que haviam crescido com trabalhadores domésticos em suas residências, pareciam bastante desconfortáveis com as explícitas interações "subservientes", que faziam com que a desigualdade social entre eles e "seus" empregados se tornassem super evidente. Muitos desses pais, de fato, ressaltaram como eles não requeriam que suas babás usassem uniforme, algo associado com uma elite mais conservadora, ou racionalizavam porque os uniformes eram necessários, mas minimizavam qualquer aspecto elitista desse costume.

Embora essa "cultivada informalidade" parecesse muito particular de Ipanema, em El Condado, eu testemunhei uma forma de interação que era

algo equivalente e central do caráter parental da autorrepresentação progressista: a ênfase na autonomia ("agencia") do subordinado. Os pais residentes em El Condado frequentemente comentavam, com irônico orgulho, como "seus" trabalhadores domésticos e babás sempre "falavam pelas costas", "desafiavam as suas instruções", e "sentiam-se confortáveis" em ser "explosivos" em sua presença. Camila Sandoval, proprietária de uma boutique e moradora de El Condado, estava divorciada havia alguns anos do pai de sua filha adolescente quando a conheci. Ela relatou como havia se ajustado para ser uma mãe solteira e o papel fundamental que Edelma, "a señora dominicana", tinha desempenhado, não só em termos de ajudar nos cuidados das tarefas cotidianas práticas – como a limpeza ou pegar sua filha na escola – mas também fornecendo "terapia" para ambas, Camila e sua filha, durante o momento difícil após o divórcio:

"Eu dava a Edelma instruções sobre o que eu queria que ela fizesse com a minha filha, mas ela limpava o rabo com metade das instruções (ri). Porque ela é um personagem. Para mim, o mais importante era que a minha filha tivesse refeições balanceadas, não xingasse e que Edelma mantivesse a calma durante uma crise. Mas ela tinha uma tendência a ficar histérica de qualquer maneira! Ela se tornou a minha mão direita, minha terapeuta e meu apoio emocional. Ela tinha uma perspectiva diferente sobre relacionamentos. Para ela, homem não era confiável; e tudo baseado em sua experiência".

A tendência de Edelma de "ser ela mesma" e desafiar as instruções do empregador, ao contrário de ser vista como uma forma negativa de insubordinação, era, de fato, apreciada pela maioria dos pais de El Condado que eu conheci. De certa forma, esta era uma versão da narrativa "como se fosse da família", mas com diferenças específicas e importantes. Em primeiro lugar – e isso era particularmente o caso dos pais divorciados ou solteiros – havia um investimento em ver "família" quanto liberdade de "agir de maneira agradável", de acordo com as convenções sociais. Em segundo lugar, esses pais – independente de seu estado civil – consideravam sua linguagem terapêutica e conversas (sobre relacionamentos, resolução de conflitos, práticas parentais) como a evidência de tratamento justo aos

"seus" trabalhadores domésticos. Se eles se engajassem em teorias populares de relacionamentos românticos ou conversas psicológicas com os subordinados, isso significava que a elite tinha facilidade social e competência para se relacionar com as diferentes raças e classes sociais; que tinha um senso de justiça e igualdade e que era capaz de diluir hierarquias em favor das interações familiares. Os exemplos do relacionamento de Cláudia com Leandra e do relacionamento de Camila com Edelma eram específicos da condição de mulheres divorciadas no "mundo dos encontros amorosos" e eram fortemente condicionados a uma linguagem psicológica de especialistas em relacionamentos. Entretanto, eu também encontrei vários casos de casais, e mesmo de pais divorciados, envolvidos na "cultivada informalidade" de Ipanema e na perspectiva "criada malcriada" de El Condado. Ao fim, as duas abordagens afetivas tentavam projetar "agência" ou "autonomia" sobre as populações subordinadas a fim de enfraquecer a base desigual inerente à relação.

A relação que Carolina Igel Botelho, uma mãe de Ipanema envolvida em apresentação de teatro e atividades ao ar livre para as famílias da área, tinha com a sua empregada doméstica e babá revelava a intensidade dessas formas de proximidade emocional em condições de profunda desigualdade social. Quando Carolina e eu nos encontramos para almoçar, numa tarde de julho de 2015, a primeira coisa que ela me disse foi que ela havia "adotado" a segunda filha de Rafaela, uma diarista que vivia no Cantagalo e tinha trabalhado para os sogros de Carolina por quase duas décadas. Carolina sempre enviava *e-cards* de "Feliz Natal", com uma fotografia dela, suas filhas biológicas, Larissa e Renata; e de Rafaela e as duas filhas. Carolina tinha convencido Rafaela a permitir que suas filhas se mudassem para sua casa, assim como havia conseguido bolsas de estudos para que as duas frequentassem uma escola privada católica em Ipanema. Muitos pais do bairro conheciam Rafaela, moradora do Cantagalo, porque Carolina levava as filhas de Rafaela sempre que encontrava com outros pais e seus filhos em

um parque à beira-mar em Ipanema. (Cf. Romero). Para alguns desses pais, Rafaela representava o mais próximo, a janela mais íntima do mundo das suas próprias empregadas e babás.

A intensa ligação familiar de Carolina com Rafaela coexistia com sua patologização da vida e da forma de parentalidade de Rafaela. Muitas vezes, Carolina atribuía a "patologia" de Rafaela à região ("sendo de Pernambuco, vivendo em Cantagalo"), à religião (conservadora, Testemunha de Jeová), a fatores psicológicos ("ter sido abusada", ter muitos medos do que transmitiria para as filhas, ser "teimosa", "não saber como as coisas funcionam") e também a fatores morais ("quatro filhos, cada um de um pai diferente", "tendo deixado uma criança para trás em Pernambuco"). Essas narrativas íntimas-ainda-patológicas haviam se tornado de conhecimento público entre as famílias de Ipanema com quem Carolina passava a maior parte do tempo. Para as trabalhadoras domésticas com filhos, ser uma boa mãe significava prover financeiramente seus filhos; no entanto, para os empregadores que as contratavam "deixar as crianças para um trabalho" era considerado coisa de "maus pais". Na realidade, a utilização de tais argumentos confirmavam, em sua opinião, os argumentos da "cultura da pobreza" que eles associavam às "dominicanas", em El Condado, ou às "nordestinas", em Ipanema, ou aos pobres e negros de modo mais geral.

### **Invisibilidade e Hipervisibilidade: narrativas raciais, geopolíticas regionais**

Em Ipanema, eu estava particularmente impressionada com a simultânea hipervisibilidade das babás uniformizadas e sua aparente invisibilidade social. Essas formas simultânea de invisibilidade e hipervisibilidade dos subordinados eram comuns para a produção de um afeto distintivo da elite, particularmente da elite branca latino-americana, de certa forma comum à parentalidade afluente. A hipervisibilidade social e

invisibilidade das babás impossibilitavam a humanidade desses trabalhadores (por exemplo, eles não podiam cometer erros humanos sem consequências graves), e eram uma característica comum dos "nódulos urbanos centrados na criança" em Ipanema. Quando eu falava com os pais sobre sua parentalidade, em entrevistas ou casualmente, geralmente não havia nenhuma menção a babá; a tal ponto que eu ficava surpresa em ouvir, eventualmente que sim, eles contratavam uma babá. Eles não estavam tentando esconder a babá (nenhum estigma em ter uma babá, muito pelo contrário), mas simplesmente não parecia ocorrer a eles que as babás tinham impacto sobre como eles, como pais, se relacionavam com os seus filhos. No entanto, esse era um exemplo de como a brancura operava afetivamente; havia uma forma de afeto racial que ditava quem era visível e quando.

As formas de invisibilidade e hipervisibilidade adquiriam significados quando as rotinas estabelecidas com as babás eram interrompidas ou nas situações em que os empregadores agiam sob a suposição de que o empregado estava a um passo de se transformar do confiável "como se fosse da família" ao "ladrão e ameaça".

Enquanto cuidados infantis de qualidade são sem dúvida as principais preocupações dos pais em todo o mundo, entre os pais de Ipanema que conheci, ter ou não uma babá de confiança, muitas vezes, determinava decisões importantes da vida – desde a própria decisão de ter um filho ao calendário de tratamentos de fertilização *in vitro*, ao setor imobiliário ou às escolhas de uma cirurgia estética<sup>133</sup>. Vera e Thiago haviam decidido não ter

---

<sup>133</sup> Em "Os Lugares das empregadas domésticas," Juliana Margarita Teixeira et. al (2015) mostra como as trabalhadoras domésticas brasileiras que eles entrevistaram em Belo Horizonte, algumas das quais tinham sido retiradas de suas casas quando crianças e levadas para morar e trabalhar como empregadas nas casas de famílias ricas, exemplificavam um código moral dominante entre "criadas" e "patrões" que remonta da virada do século XX no Brasil. Esperava-se que os empregadores fornecessem proteção, alimentação, habitação e vestuário, em troca de obediência e lealdade da Criada (Bernardino-Costa 2007: 2; Teixeira et al 2015: 172). Segundo as entrevistas de Teixeira et al (2015), os aspectos não materiais, como afeto, tendiam a complicar as avaliações de quem era um "bom empregador"; essas avaliações eram muitas vezes fruto da percepção da empregada de que ela não estava sendo

um segundo filho exatamente devido a "questão da babá": "Uma das questões de não ter outro filho é ter que depender de uma empregada para isso. Eu me sinto culpada, porque o Felipe chora pra ter um irmão. Mas é uma relação (empregador-babá) muito desgastante. Eu acho que é pior do que casamento. Eu conheço algumas famílias que construíram uma relação bonita, de várias gerações, com a babá. Situações em que a família acaba cuidando da babá na velhice, compram casa pra ela. Infelizmente, as leis trabalhistas atuais mudaram essa dinâmica. Agora as babás estão sendo tratadas como um empregado de uma empresa. A família é tratada como uma empresa". Embora Vera seja um dos poucos residentes de classe média-alta de Ipanema que tinham crescido em uma comunidade da classe baixa trabalhadora – e tenha experimentado uma tremenda mobilidade social – ela utilizava discursos meritocráticos de "trabalho duro" e "sacrifício pessoal" para explicar sua mobilidade e expressava profundo desacordo com os programas de bem-estar social do PT. Vera também foi uma das muitas mulheres brasileiras que afirmou que "empregada mantém o matrimônio, o casal", parcialmente brincando: "Eu estava dizendo pro Thiago: 'Bom, se a gente dispensa ela, como vamos dividir o trabalho (de casa)?' Eu não sou iludida de pensar que porque nós decidimos dispensar a empregada o Thiago vai de repente me ajudar em casa. Empregada mantém o matrimônio, o casal"<sup>134</sup>.

Nesse dia em particular, Vera se sentia traída por Juju, uma empregada doméstica que também servia como babá ocasional para Felipe.

---

"tratada como empregada", mas como um membro da família ou uma amiga dos patrões. Assim, o afeto, embora não fosse algo inerentemente negativo nas relações entre empregador e empregado, muitas vezes, condicionava a possibilidade de exigência de direitos trabalhistas das empregadas domésticas (Teixeira et al 2015: 173).

<sup>134</sup> Enquanto muitos dos pais que conheci, tanto no Brasil quanto em Porto Rico, exerciam trabalho remunerado fora de casa – e eram, muitas vezes, o único ou o principal "ganha-pão" na casa – eles não eram obrigados a interagir com os adultos cuidadores, fossem esses pagos ou mesmo não pagos – como babás ou avós – na coordenação dos cuidados das crianças, tanto quanto as mães. Estas divisões de trabalho de gênero têm sido amplamente estudadas. (Hochschild e Machung 2012).

Ela suspeitava que Juju tinha roubado a sua idosa mãe. Com 8 anos de idade, Felipe estava perto o suficiente para ouvir nossa conversa; Vera de repente mudou de português a um inglês com um sotaque fortemente carregado, para que Felipe não a entendesse. Ela explicou que tinha notado várias vezes o desaparecimento de dinheiro da bolsa de sua mãe e fez algumas ligações entre o dinheiro desaparecido, as datas específicas e Juju. Ainda visivelmente chateada, Vera afirmou:

Nós nunca a tratamos como uma empregada. Algumas pessoas, como a própria família do Thiago, lidam com estas situações muito racionalmente, como se fosse apenas uma transação de serviço. Mas eu não posso deixar de me envolver. Eu queria falar com ela, mas o Thiago acha que ela vai negar a coisa toda. Ela vive em uma favela (slang sic) e ela sabe onde a gente vive. Eu perdi o sono por causa disso. Ela ama o Felipe. Eu comecei a imaginar: ‘E se ela sequestrar o Felipe?’

Em muitos casos, o contato cotidiano mais próximo que os pais de classe alta e média-alta tinham com pessoas fora de seu grupo social era, de fato, com suas empregadas; para muitos deles, a vida das suas empregadas eram consideradas uma maneira de “olhar” (ou até “pesquisar”) a favela em sua própria casa e que também contribuía nas relações emocionais intensas e nos vínculos afetivos.

Em um belíssimo dia em Ipanema, enquanto nós colocávamos nossas cangas nas cadeiras de praia, Beatriz Pissollo Itamar, uma paulistana e mãe solteira por opção, me disse que, depois de várias entrevistas, tinha finalmente contratado uma empregada para cuidar de seu apartamento, seu filho e seu pai de 85 anos. Quando perguntei o que ela sabia sobre a trabalhadora doméstica, ela prontamente respondeu:

Eu sei muito mais do que gostaria de saber; e são só duas semanas! (risos). Eu sei que ela estava num relacionamento abusivo, que ela conseguiu escapar com sua filha. Agora, ela vive com uma tia, a quatro horas de distância. Quando ela dorme aqui, sua filha fica com sua irmã e outra mulher que cuida das crianças da comunidade... Outro dia, ela chegou aqui e começou a contar uma história com ‘Bom, eu preciso te falar uma coisa, de mulher pra mulher...lá, lá, lá, lá’. Eu comecei um tipo de relação para que ela se sentisse à vontade... E agora ela se sente super à vontade! Estou preparada toda segunda, quando ele chega com uma explosão de informações, depois do fim de semana.



A maioria dos pais que entrevistei acreditava que eles sabiam muito – até “mais do que (elas) gostariam que eles soubessem!” – sobre a vida pessoal, a rotina e as dificuldades de suas babás. Uma coisa que eu descobri, no entanto, foi que o interesse na vida pessoal da babá era frequentemente uma estratégia para ter uma noção das informações trocadas entre a empregada e os outros membros da família que ela estava encarregada de cuidar.

As trabalhadoras domésticas eram portadoras de tremendo poder emocional na relação patroa/empregada e, simultaneamente, a personificação da desconfiança, desonestidade e de traços pessoais indesejáveis (principalmente, embora não exclusivamente, no campo da linguagem). Elas podiam produzir tanto um tremendo transtorno emocional quanto uma confusão cotidiana nos empregadores. Foi precisamente nesta coprodução de desconfiança e apego que as disposições afetivas da elite e do privilégio racial tornavam-se mais evidentes na parentalidade soberana.

Em El Condado, a racialização dos trabalhadores domésticos acontecia através de uma equivalência entre "trabalho doméstico" e "mulheres imigrantes dominicanas"; em Ipanema, essa racialização era destacada por projeções nas "diferenças" regionais, na demografia do Brasil que atribuíam certa "passividade", "respeito", "maleabilidade" e "singularidade" às mulheres migrantes dos estados do nordeste brasileiro. Historicamente, no Brasil, as classes privilegiadas conseguem convencer-se de que o seu patronato é mais saudável para seus funcionários do que as vidas disponíveis para eles “do lado de fora” (Goldstein 2013: 89; Freyre 1933). Em Ipanema, a empregada era apresentada como evidência de como intimidade e emoção atenuavam a desigualdade social (cf. Pinho 2015: 113); em El Condado, onde trabalhadores domésticos que moravam no emprego eram raros, a função do trabalhador era diferente – era uma maneira de impor limites raciais e nacionais percebidos através dos discursos da diferença (na educação, língua, valores morais etc). No entanto,

em ambos os bairros, a humanidade dos trabalhadores domésticos era precária e enquadrada em uma linha fina entre hipervisibilidade e invisibilidade; a aspiração cautelosa de plena confiança e o medo permanente de traição imperdoável.<sup>135</sup>

Os pais que empregavam babás em El Condado, mas especialmente em Ipanema, por vezes permitiam que essas formas de "felicidade" e até mesmo "otimismo cruel", criassem a possibilidade, e às vezes transformasse essa possibilidade na realidade de "como se fosse da família."<sup>136</sup> No

---

<sup>135</sup> Em "Eu sou os olhos dela": As babás nas imagens, na praça ou uma etnografia do olhar (2015), Liane Silveira inicia seu estudo etnográfico sobre Babas em várias Praças da Zona Sul (incluindo Nossa Senhora da Paz, a principal praça de Ipanema) com a pergunta: "Quem, entre nós, foi criada exclusivamente pelos pais?" O "nós" nesta questão é, obviamente, um fragmento das classes média e alta brasileira, incluindo os acadêmicos que parecem ser o público de seu artigo, e que talvez compartilhem de seu interesse em compreender a vida "do estranho mais familiar, o estrangeiro mais íntima numa casa: a babá" Outros intelectuais brasileiros de destaque, como Gilberto Velho (2012), também exploraram suas próprias reflexões e recolhimento sobre experiências pessoais com as suas empregadas e babás, como ponto de partida para análises mais sociológicas. Silveira também observa que, quando uma babá sabe que seu empregador a confia coisas de sua vida particular, das quais não compartilhar com mais ninguém, existe o elemento de "culpa do saber", a licença e a expectativa de manter sigilo atribuído a certas profissões (por exemplo, polícia, advogado, conselheiro).

<sup>136</sup> Sara Ahmed (2010) examina "como [os hábitos diários de felicidade] envolvem maneiras de pensar que modelam a coerência do mundo " (2010: 15). Para Ahmed, A felicidade é uma forma de construção do mundo e uma tecnologia política que produz normas sociais. Sua abordagem sobre a felicidade possibilita que os etnógrafos examinem como as pessoas perseguem e interpretam a felicidade, bem como usam a felicidade para justificar as representações ideológicas, distrair e minimizar desigualdades em contextos específicos. Por exemplo, o conceito de família é muitas vezes um objeto antecipado de felicidade - e uma promessa afetivamente enraizada. Esta família como o principal objeto feliz empresta o efeito positivo aos objetos e aos contextos em torno dele, como os espaços da vizinhança e a relação entre os indivíduos que participam da família e do trabalho familiar, embora sejam, frequentemente, de posições social e racial radicalmente diferentes. Esta é também uma visão da felicidade como um lugar de investimento ideológico para legitimar agendas políticas, sociais e econômicas mais amplas. Essa noção de felicidade é uma tecnologia governante que oferece "terapia" `as populações mais marginalizadas, para "curar" e integrar aqueles que foram deslocados e empobrecidos pela privatização da economia de mercado. Lauren Berlant (2008, 2011) usa a noção de otimismo cruel para discutir o afeto e as fantasias inconscientes em relação às ideologias da "boa vida" na bolha econômica do pós-guerra nos Estados Unidos. Ela afirma que, "o otimismo cruel é a condição para manter o apego a um objeto problemático" (Berlant 2008: 33 ênfase no original). Esses objetos problemáticos - encarnados num conjunto de promessas - sustentam e destroem as pessoas. Para Berlant, o otimismo cruel reside na sua sincronidade. O otimismo persiste, mesmo cruel, porque a perda da promessa do objeto carrega a ameaça de desestabilizar inteiramente a esperança.

entanto, essa promessa afetiva não era totalmente realizada ou realizável, precisamente devido aos implícitos requisitos aos trabalhadores domésticos, particularmente babás – ou àqueles que cuidavam das crianças como parte de suas tarefas diárias – de navegarem em uma linha firme de invisibilidade/hipervisibilidade. Embora as questões dos uniformes brancos e câmeras de vigilância fossem, talvez, as formas mais explícitas de tornar um empregado hipervisível, havia outras expectativas relacionais que condicionavam essa hipervisibilidade. A exigência de invisibilidade era mais fortemente observada na forma como os pais de Ipanema e El Condado percebiam o papel das babás no enquadramento das suas próprias identidades parentais, bem como na sua noção de “limitações” educativas e linguísticas das babás.

A maneira interessante em que estas avaliações de hipervisibilidade/invisibilidade do trabalho doméstico eram articuladas em Ipanema, de forma que outros corpos negros (de indivíduos das comunidades ou os sem-teto) não eram, envolvia uma implementação bastante incomum de perspectivas históricas sobre a escravidão. Ela explicou: “Por causa da Ditadura, não tem ninguém de direita, ninguém se diz conservador. ‘Eu, conservador? Nunca!’. No Chile, que também viveu uma ditadura, eu sei que as pessoas dizem ‘Eu sou conservadora. Eu sou de direita’; mas não aqui, porque no Brasil não se fala disso. E ainda, mantemos uma sociedade em que as empregadas domésticas são escravas contemporâneas”. A ironia da observação de Paula, enquanto residente de Ipanema, branca de classe alta, é que ela estava reproduzindo uma linguagem progressista de raça que ela não reivindicava existir. Na realidade, como personagens neoliberais, Paula exigia uma maneira particular para que "conversas difíceis" (J. Jackson) fossem circunscritas, especializadas e confinadas.

Em ambos os bairros aqui tratados, El Condado e Ipanema, os pais pareciam interessados em "criar diversidade" nos contextos educativos,

enquanto neutralizavam como a branca, a branca deles e a branca de seus filhos – bem como uma branca institucional e espacial mais ampla – eram reproduzidas nas interações diárias com as pessoas de cor, com os brancos pobres e mesmo com as babás e as empregadas domésticas. A única "diversidade" e "inclusão", o que era na verdade mérito pedagógico dos seus filhos, era a que poderia estar contida em configurações deliberadamente didático-escolares: serviço comunitário, curso voluntário.

Alguns dos pais com quem falei não sabiam fatos básicos sobre as relações raciais contemporâneas brasileiras: o fato de o Brasil ter a maior população afrodescendente no Ocidente, por exemplo, foi uma surpresa chocante para Fernando Coutinho Leite, um pai que estava entusiasmado em compartilhar esse conhecimento comigo quando soube que eu tinha interesse na questão da raça. Em agosto de 2015, eu estava jantando com Fernando e sua esposa, Gabriela Braga Vellozo, em seu apartamento, quando Fernando, de repente – e talvez em reação a várias postagens no meu *facebook* relacionadas ao movimento “Black Lives Matter” – perguntou, sem qualquer sobreaviso: "Ana, você é uma antropóloga, então você deve saber sobre os afrodescendentes no Brasil". Eu estava me perguntando sobre a que parte desse tópico ele estava se referindo; e conhecendo Fernando muito bem, eu tinha certeza que ele explicaria melhor – e foi o que ele fez. "Bem, eu vi um vídeo no *facebook* sobre o comércio de escravos e como a maioria dos escravos tinha vindo para o Brasil e para o Caribe! O Brasil tem a segunda maior população africana do mundo. Você acredita nisso?". Nesse momento, o que me parecia mais inacreditável era que uma das pessoas mais versadas, observadoras e profundamente analíticas que eu tinha encontrado durante meu trabalho de campo somente agora tinha conhecimento do que parecia ser um fato amplamente citado, mesmo nos cursos de graduação sobre estudos latino-americanos nos

Estados<sup>137</sup>. Fernando continuou falando sobre sua recente "descoberta", quando sua esposa Gabriela juntou-se a nós:

**Fernando:** Ninguém aqui fala sobre isso. Eu não conheço ninguém que seja afrodescendente em meu escritório ou qualquer coisa. Não é, Gabriela?

**Gabriela:** Bom, dizem que eles vivem em outras áreas do Brasil...

**Fernando:** Mas quando eu soube disso, a segunda maior população africana aqui no Brasil, eu disse: "É claro que tem que ter cotas (universitárias)! Eles precisam aumentar as cotas! "Porque sempre acreditamos que os afrodescendentes vivem nos EUA"

**Gabriela:** "Esses são os americanos-africanos, os que são super discriminados".

**Fernando:** "Sim, mas no Brasil temos uma população africana muito maior do que nos Estados Unidos. Onde eles estão? Eles não moram aqui, nem trabalham com a gente”.

Nesse momento, eu também estava perplexa sobre como os corpos negros pareciam invisíveis para Fernando (e Gabriela), uma vez que havia muitos deles em Ipanema: as babás, os trabalhadores domésticos, os empregados de serviço de estacionamento, os guardas de segurança, os balconistas, os treinadores de futebol, os *personal trainers*, os vendedores ambulantes de praia, os homens e mulheres sem-teto e as crianças descalças nos *playgrounds* eram esmagadoramente negros. Esses indivíduos eram temas frequentes de conversas entre os pais de Ipanema, mas eles ainda não estavam inseridos nos registros raciais da elite branca a quem serviam. A

---

<sup>137</sup>O Brasil importou mais escravos do que qualquer outro país; 20% das pessoas raptadas na África para serem vendidas foram trazidas para o Brasil, constituindo cerca de 5 milhões de pessoas (em comparação com as 400 mil que foram para os EUA). Quando a escravidão terminou oficialmente no Brasil, em 1888, membros da elite branca se sentiam ansiosos e ultrapassados. Era negado aos ex-escravos o direito de viver na cidade propriamente dita; esses então construíram habitações rústicas nos morros vizinhos, que alguns consideram a origem das favelas, que hoje são, ironicamente, tão essenciais para as campanhas de marketing da cidade e os cartões postais. Stephanie Nolen's Brazil's Colour Blind (The global beand mail, July 31, 2015) mostra como a história do colonialismo, escravidão e ditadura no Brasil foi seguida por uma mudança social tumultuada. Nolen descreve a descoberta do Cemitério dos Pretos Novos, no Rio em 1996, no mesmo bairro onde o Samba foi inventado. O Cemitério foi usado para enterrar cerca de 2 mil pessoas por ano, entre 1760 e 1830. Em 2015, foi implementado um projeto de US \$ 4 bilhões para "revitalização" do bairro, com a construção de imóveis comerciais, torres de condomínios e um gigante Museu do Amanhã. Não houve nenhuma solenidade para lembrar que este porto fora a capital global do comércio de seres humanos. O princípio fundador da primeira república do Brasil foi de eugenia.

brancura do bairro só era "interrompida" (antes de ser prontamente reconfigurada) em momentos de explícita tensão social, policiamento e vigilância, especialmente quando as ações das elites nesses casos eram justificadas e, até mesmo, "defendidas" em nome das crianças (da elite)". Assim, as conversas diárias sobre os sem-teto, que eram predominantemente mulheres e homens negros, coexistiam com alegações de que "não havia negros" em Ipanema, porque a produção da personalidade nesse bairro em particular era limitada aos indivíduos que podiam se envolver na "cultivada informalidade", que era claramente classista e racista. Em última análise, a (in)(hiper)visibilidade era sobre quem era registrado cognitivamente e afetivamente. O registro racial de Ipanema, por vezes, foi aludido como "brancos" versus "não-brancos", com muitos poucos momentos de reconhecimento da identificação racial do "negro" ou "preto"; as poucas referências à subordinação racial do negro aconteciam nas narrativas de servidão e de violência.

A perspectiva de Fernando era circunscrita histórica e geograficamente, de modo que a escravidão era vista como algo ligado à necessidade de cotas e até mesmo à gênese de uma dependência da elite dos trabalhadores domésticos; mas carecia de uma ligação mais direta entre as desigualdades sociais contemporâneas e as diferenças de poder. Importaneamente, Fernando e Gabriela não usaram o discurso padrão da "mistura racial"; nem a maior parte dos outros pais de Ipanema o fizeram, assim como nenhum dos pais porto-riquenhos que conheci em El Condado. Nos círculos de elite de Ipanema, parecia haver alguma fluidez entre brancos e não-brancos, mas a negritude parecia invariavelmente oculta ou codificadas em termos de crime, favelas, pobreza e uma necessidade de vigilância ou policiamento, que adquiria acompanhamento moral em referência a "proteção das crianças (da elite)". Tanto em Ipanema quanto em El Condado, havia a tendência de um falso reconhecimento segmentado, através do qual outros indicadores precisavam, de uma forma ou de outra,

estar lá para assinalar a legibilidade racial, por exemplo, maneirismo, redes sociais, associações educacionais.

Discussões em torno das famílias das babás, a maioria das quais era afro-brasileira em Ipanema, aconteciam de diversas maneiras; podiam ser discussões sobre trabalho doméstico, sobre a educação das crianças, sobre a raça, sobre a pobreza, sobre a desigualdade. E essas abordagens eram ocasionalmente utilizadas. No entanto, o que eu percebi mais frequentemente era um deslocamento real da raça nas práticas políticas, ideologias culturais, soberania e nos comentários gerais sobre quem "somos" enquanto nação ou povo. Eles faziam referências à escravidão no Brasil não como um projeto político e econômico de construção da nação, mas com um mínimo detalhe informativo necessário para criar crianças cosmopolitas, um objetivo típico da "parentalidade soberana". Nesse sentido, parentalidade soberana estava prestes a consumir certas formas de conhecimento sob expectativas de socializar as crianças para a elite do país.

Ensinar "fluência racial" era central para a forma de parentalidade soberana praticada pela elite de Ipanema. Fluência Racial (Hordge-Freeman 2015) concentra-se em como efetivamente alguém responde às percepções de raça, ou quando esta é incompleta ou falha. Isso não antecipa um resultado que é antirracista, mas pode identificar como as estratégias raciais podem intencionalmente reproduzir o racismo; considerando o domínio afetivo como crítico para transmissão, recepção e construção de processos de racialização. A maioria dos pais de Ipanema tanto minimizava quanto intelectualizava a raça, de modo que, efetivamente, minava o racismo cotidiano brasileiro em favor de discussões acadêmicas sobre a escravidão. Em El Condado, a maioria dos pais codificava a raça, de modo que a negritude fosse associada com uma classe particular e/ou a localização do migrante, o que incluía os trabalhadores dominicanos e os homens jovens porto-riquenhos de pele escura que vivem em conjuntos habitacionais nas proximidades.

Simplificando como a aprendizagem racial acontecia nas interações diárias com "seus" trabalhadores domésticos e babás, os pais de Ipanema e de El Condado frequentemente omitiam o elemento crucial do funcionamento do privilégio racial no Brasil e em Porto Rico: o poder de decidir quando e quem se torna o assunto no ensino de raça e quem se torna o aluno. Curiosamente, mesmo quando os pais reconheciam a importância global de introduzir seus filhos às formas de "diversidade" racial e de classe – por exemplo, separando brinquedos para as crianças pobres – o único envolvimento íntimo com as questões de raça e classe que testemunhei entre pais e filhos emergia de sua relação com o trabalhador doméstico ou a babá. Havia, portanto, uma disposição racial decididamente estética e sensorial do privilégio branco.

### **Conclusão: esperança subalterna como esquema para mediar o afeto e a desigualdade de poder**

"Eu faço isso por amor", declarou firmemente Liz Silva quando lhe perguntei como ela havia se tornado uma babá. Originalmente do Ceará, no nordeste brasileiro, Liz – com pouco mais de 40 anos – vivia no Rio havia doze anos quando a conheci, em 2014. Ela trabalhou como enfermeira durante vários anos antes de decidir se tornar babá dos filhos de um diplomata brasileiro, que viviam em Paris. Uma vez no Rio, Liz começou a considerar seu trabalho como babá em termos profissionais próprios: "Eu me especializei em recém-nascidos, até um ano ou um ano e meio. Eu trabalho em contratos de 6 a 12 meses". Ter um certo "cronograma" também a permitia "controlar melhor o afeto e o apego que você desenvolve pelos bebês". Liz sempre apresentava perspectivas interessantes sobre as famílias de Ipanema que ela conhecia. Ela observou certa vez:

Hoje, os pais, os avós e as pessoas que estão ao redor competem pela atenção da criança. Ter um filho se tornou algo glamoroso, porque é tão difícil proteger eles, garantir o futuro deles (...) com as dificuldades do país. Seria tão mais simples para eles não terem (filhos), que quando eles têm, eles querem um retorno. É como um investimento. Então, existe muitos



conflitos nessa questão, principalmente entre mães e babás, e agora também com os pais. A mulher não quer se afastar de sua carreira e, então, se dá conta de que a criança dá mais atenção à babá. Porque, para a criança, a palavra mãe não tem um significado. O que tem significado é o vínculo afetivo que se desenvolve ao longo do tempo.

A gerente e os funcionários do quiosque da praia onde eu conheci Liz a consideravam uma "babá top". Em Ipanema, era necessário mais do que a superficialidade de um sorriso agradável ou ser "legal" para ser considerada uma "babá top": a babá tinha que cultivar a capacidade de sentir e refletir sobre suas próprias emoções, assim como os temores, excitações, desejos, alegria, cuidado, confiança e conforto das outras pessoas. Nesse sentido, como as outras "babás top" que conheci no quiosque da praia, perto da fronteira Leblon/Ipanema, Liz estava "trabalhando para promover em si mesma e em seus clientes uma recém expressiva ética terapêutica, em que uma variedade mais ampla de afetos – em particular aqueles associados com cuidado e empatia, sentimentos de confiança e conforto, intimidade e preocupação – (fossem) intensificados, afirmados e expressados (Hordge-Freeman 2015: 181). Ela precisava estar ciente das preocupações dos pais sobre "perder" ou "manter" algo tão imensurável, todavia essencial, como o afeto de uma criança. Ela também estava ciente das preocupações dos empregadores com o quadro nacional “mais geral”; no caso de Liz, enquanto ela muitas vezes afirmava que "agora é ótimo ser babá", em referência às leis trabalhistas do Partido dos Trabalhadores, ela tinha que reconhecer os conflituosos medos de seus empregadores, liberais-mas-anti-PT, sobre como a redução da desigualdade poderia impactar seus estilos de vida.

Em El Condado, Sofía Martínez, também estava ciente de seu status de babá "excepcional"; ela tinha pele clara, porto-riquenha e educação em desenvolvimento infantil. Na época que Sofía foi contratada como babá de Bianca, em tempo integral, a família também tinha outra trabalhadora de tempo integral, que eles chamavam de Tatá. Tatá, uma imigrante dominicana, de pele escura, na casa dos cinquenta, tinha trabalhado para a

família por quase vinte anos e tinha sido babá de Bianca quando ela era uma recém-nascida. Sofía explicou a divisão de trabalho entre ela e Tatá:

Muitas das babás em Porto Rico são mulheres dominicanas idosas. Isso não é o que esses pais (elite de El Condado) estão procurando... O vocabulário da Bianca tem piorado por causa de seu contato com a Tatá. “Díseselo”, “hubieron”... Estou sempre corrigindo ela. Eu digo para os pais que eles não podem tratar a pessoa que cuida dos seus filhos como “uma ajudante”. A dinâmica entre Bianca e Tatá é de uma ajudante. A Bianca manda nela. Ela me trata completamente diferente, porque seus pais me tratam diferente. Eu digo para ela que eu não sou a sua empregada. Eu sempre sou muito clara com a Bianca. Você não é nem mais nem menos que eu. A pressão social é tão forte, e o senso de poder dos pais dela é muito forte. A minha educação me dá um poder interno que uma mulher como Tatá não tem. A Tatá não sabe ler e Bianca percebe isso. Elas amam uma a outra, mas Tatá perde seu poder e também seu lugar. Por exemplo: no sábado passado, quando Tatá foi embora, disse para os pais algo como: “cuida bem da minha Bianca nesse fim de semana!”. E os pais da Bianca odeiam isso. Como você vai falar para eles como tratar a própria filha? Eles que tiveram a menina!

As metas empresariais de Sofía e o que ela esperava conseguir através da profissionalização da função de "babá" também eram baseadas nas perspectivas da elite dominante sobre o nacionalismo cultural porto-riquenho. As táticas para destacar seu "capital cultural", às vezes acima de seus empregadores mais ricos, também eram compostas por manter o distanciamento da imagem de "a ajudante", que ela firmemente projetava na Tatá, não apenas como uma trabalhadora doméstica (em oposição a uma babá), mas também como uma "mulher porto-riquenha educada" em contraposição a uma "dominicana com baixo nível de escolaridade". Porém, Sofía também estava ciente de que seus objetivos profissionais – de ter a sua própria agência de "babá de elite" – era resultado de uma escassez de postos de trabalho em Porto Rico, um país com uma das forças de trabalho mais ostensivamente educadas na América Latina. No período do meu trabalho de campo, as jovens porto-riquenhas como Sofía – classe média, bem educadas – estavam deixando o país em números recordes, em busca de oportunidades de emprego, particularmente nas regiões central e sul da Flórida (Krogstad 2015). Liz Silva e Sofia Martínez eram emblemáticas de

um mercado de trabalho dos cuidadores latino-americano cada vez mais segmentado que categoriza os indivíduos em trabalhadores "mais" ou "menos" desejáveis com base nos atributos físicos, ideológicos, raciais, regionais e emotivos, que pudessem de forma mais eficaz reproduzir o privilégio branco e a desigualdade social sob crise nacional.

De acordo com a parentalidade soberana, as babás e as empregadas domésticas não eram apenas indivíduos envolvidos afetivamente e intimamente com os seus empregadores, as crianças e as famílias dos empregadores; mais que isso: eles eram representações reais ("stand in") das perspectivas de raça, regionalismo e migração (interna e transcaribenha) que os empregadores queriam transmitir aos seus filhos. Uma característica distinta da elite de Ipanema e da elite de El Condado, a "parentalidade soberana" oferecia uma moral e ética sobre cuidado coletivo que os ricos articulavam através de um conjunto de práticas parentais, relações e ideologias, incluindo as que exigiam de seus empregados. Essa ética da elite, desenhada a partir de uma linguagem da "crise nacional", investe em projetos que assegurem às famílias de elite o sentido de "soberania" sobre seus bairros, focando na (in)segurança em vez da desigualdade; legitimando a vigilância de bairro e o policiamento dos pobres corpos escuros; favorecendo uma linguagem informativa-terapêutica de bem-estar e saúde nas interações diárias com os subordinados; e tudo isso "em nome das crianças".

## Bibliografia

AHMED, Sara. 2010. *The Promise of Happiness*. Durham: Duke University Press.

ALAMO-PASTRANA, Carlos. 2016. *Seams of Empire: Race and Radicalism in Puerto Rico and the United States*. Gainesville: University Press of Florida.

AMORIM, Celso. 2010. Brazilian foreign policy under President Lula (2003-2010): an overview - *Revista Brasileira de Política Internacional*, vol.53, No. Special, 214-40.

BARBA, Mariana Della. 14 January 2016. Babás de branco: promotora vê conflito de interesse e pede anulação favorável a clubes. *BBC Brasil*.

BERG, Ulla, and Ana Ramos-Zayas. 2015. Racializing Affect: A Theoretical Proposition. *Current Anthropology*, vol. 56, no. 5, October, pp. 654-677

BERNARDINO-COSTA et al 2011 *Tensões e experiências: um retrato das trabalhadoras domésticas de Brasília e Salvador*. Brasília: CFEMEA

BRITES, Jurema 2007. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores *Cadernos pagu* (29), julho-dezembro de 2007:91-109.

BUTLER, Judith. 2004. *Precarious life: The powers of violence and mourning*. London & New York: Verso.

CLARKE, Kamari Maxine, and Deborah A. Thomas. *Globalization and race: Transformations in the cultural production of blackness*. Duke University Press, 2006.

DUANY, Jorge. 2005. Dominican migration to Puerto Rico. *Centro Journal*, spring vol XVII, no. 1, pp. 242-69.

EHRENREICH, Barbara, and Arlie Hochschild 2003. *Global Woman: Nannies, Maids, and Sex Workers in the New Economy*. New York: Henry Holt and Company.

FREIRE COSTA, Jurandir. 1983. "Da cor ao corpo: a violência do racismo." Souza, Neusa.

FREYRE, Gilberto. 1933. Freyre, G., 1933. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economica patriarcal (Vol. 1). J. Olympio.

GAZTAMBIDE-FERNÁNDEZ, Rubén, and Raygine DiAquoi. 2010. A part and apart: Students of color negotiating boundaries at an elite boarding school. *Educating elites: Class privilege and educational advantage*, edited by Adam Howard and Rubén Gaztambide-Fernández, pp. 55-78.

GOLDSTEIN, Donna. 2013. *Laughter out of place: Race, class, violence, and sexuality in a Rio shantytown*. University of California Press.

GODREAU, Isar P. 2015. *Scripts of Blackness: Race, Cultural Nationalism, and US Colonialism in Puerto Rico*. University of Illinois Press.

GREENWALD, Glenn, Andrew Fishman, and David Miranda. 2016. 'We are repulsed by this government': Brazil's Wealthy are fleeing the country." *The Intercept*. March 18.

HARDT, Michael. "Affective labor." *Boundary 2* 26.2 (1999): 89-100.

HOCHSCHILD, Arlie. 1979. Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure *American Journal of Sociology*. Vol. 85, No. 3, pp. 551-575

HOCHSCHILD, Arlie, and Anne Machung. 2012. *The Second Shift: Working Families and the Revolution at Home*. New York: Penguin.

HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. 2015. *The Color of Love: Racial Features, Stigma, and Socialization in Black Brazilian Families*. Austin: University of Texas Press

JACKSON JR, John L. *Racial paranoia: The unintended consequences of political correctness: The new reality of race in America*. Basic Books, 2010.

KOGAN, Liuba. 2009. *Regias y conservadores: Mujeres y hombres de clase alta en la Lima de los noventa*. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Peru.

KROGSTAD, Jens Manuel. 2015. Puerto Ricans Leave in Record Numbers for Mainland US. Pew Research. October 14. <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/10/14/puerto-ricans-leave-in-record-numbers-for-mainland-u-s/>

GODREAU, Isar. 2015. *Scripts of Blackness: Race, Cultural Nationalism, and US Colonialism in Puerto Rico*. University of Illinois Press.

LAWLER, Stephanie. 2005. "Disgusted subjects: The making of middle-class identities." *The sociological review* 53.3 (2005): 429-446.

LEWIS, Oscar. 1969/1982. *The Culture of Poverty*. In *Anthropological Realities: Readings in the Science of Culture*, edited by Jeanne Guillemin, pp. 316-320.. New Brunswick: Transaction Books.

NOLEN, Stephanie. "Brazil's Colour Blind." *The global bend* mail, July 31, 2015.

OWENSBY, Brian P. 1999. *Intimate ironies: Modernity and the making of middle-class lives in Brazil*. Stanford University Press.

PINHO, Patricia de Santana e Elisabeth Silva 2010. *Domestic Workers in Brazil: Legacies and Horizons* Latin American Research Review, vol 45, number 2, pp. 90-113

PINHO, Patricia de Santana. 2015. *The Dirty Body that Cleans: Representations of Domestic Workers in Brazilian Common Sense Meridians: feminism, race, transnationalism*, Volume 13, Number 1, 2015, pp. 103-128 2015

PREUSS, Miriam Raja Gabaglia. "Emprego doméstico: um lugar de conflito." *Cadernos do CEAS* 128 (1990): 41-45.

RAMOS-ZAYAS, Ana. 2013. *Street Therapists: Affect, Race, and Neoliberal Personhood in Latino Newark*. Chicago: The University of Chicago Press.

ROMERO, Mary. "Life as the maid's daughter: An exploration of the everyday boundaries of race, class, and gender." *Feminisms in the academy* (1995): 157-179.

SAAD FILHO, Alfredo. 2016. "Salários e exploração na teoria marxista do valor." *Economia e Sociedade* 10.1: 27-42.

SCOTT, James C. 2010. *Domination and the arts of resistance: Hidden transcripts*. Yale University Press, 1990.

SHERIFF, Robin E. 2001. *Dreaming equality: Color, race, and racism in urban Brazil*. Rutgers University Press.

SGARIONI, Mariana. 2014. *A criança terceirizada: as confissões das babás*. N Magazine: Para a nova geração de pais. March 6, 2014.

SILVEIRA, Liane. 2015. *Eu sou os olhos dela”: As babás nas imagens, na praça ou uma etnografia do olhar*

SKEGGS, Beverley. 2004. *Class, Self, Culture*. London/New York: Routledge.

TEIXEIRA, Juliana Margarita, et al. 2015. “Os Lugares das Empregadas Domesticas,”

URCIUOLI, Bonnie. 1991. The political topography of Spanish and English: the view from a New York Puerto Rican neighborhood. *American Ethnologist*, Volume 18, Issue 2, May 1991, Pages 295–310.

VELHO, Gilberto. 2012. "O Desafio da Cidade–Novas perspectivas da Antropologia Brasileira."

**Palavras-chave:**

Parentalidade,  
Soberania, Trabalho  
Doméstico, Brasil,  
Porto Rico

**Resumo:** A partir de estudo etnográfico com pais residentes nos bairros afluentes de Ipanema, no Brasil, e El Condado, em Porto Rico, examino como as elites urbanas latino-americanas reformulam suas compreensões sobre raça e classe em relação às práticas parentais, a auto-representação quanto liberais e aos objetivos de socialização. Meu principal foco é como os pais consideravam seu relacionamento com as mulheres pobres, de pele mais escura, as quais eles contratavam para cuidar de seus filhos; essas mulheres eram geralmente imigrantes da República Dominicana, em El Condado, e migrantes do Nordeste brasileiro, em Ipanema. Apresento como os sentimentos genuinamente positivos que esses pais de elite expressavam em relação ao trabalhador doméstico, de fato, sustentavam as desigualdades de poder inerentes ao relacionamento entre pais-babá. Em seguida, apresento o conceito de "parentalidade soberana", como uma característica distinta da relação babá-pais em Ipanema e em El Condado.

**Keywords**

Parenting,  
Sovereignty,  
Domestic Work,  
Brazil, Puerto  
Rico

**ABSTRACT:** In this ethnographic study with parents living in the affluent areas of Ipanema, Brazil, and El Condado, Puerto Rico, I examine how urban Latin American elites reformulate their understandings of race and class in relationship to their parenting practices. In particular I consider how these upper-class parents interpreted their relationship with the poor, dark-skin women hired to care for their children; those women were largely immigrants from the Dominican Republic, in El Condado, and migrants from the Brazilian Northeast, in Ipanema. I demonstrate how the genuinely positive feelings these elite parents harbored toward domestic workers, in fact, sustained power inequalities inherent in the parent-nanny relationship. I introduce the concept of “sovereign parenting,” as a unique characteristic of this parent-nanny relationship in Ipanema and El Condado.

Recebido para publicação em novembro/2016

Aceito para publicação em dezembro 2016